

XVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFJF

Grande área:

Ciências Sociais Aplicadas

Projeto:

O CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA ENTRE MODELOS URBANÍSTICOS E EDUCACIONAIS

Autores:

PAULA APARECIDA DA MATTA SANTOS (XIV PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA 2011-2012)

MARIANA BEDENDO DE SOUZA (XIV PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA 2011-2012)

MARÍLIA BOLARI CARERE (XIX BIC 2011/2012)

PAULA APARECIDA DA MATTA SANTOS (XIX BIC 2011/2012)

LUCAS CESAR GARCIA CYRINO (XIX BIC 2011/2012)

KLAUS CHAVES ALBERTO (ORIENTADOR)

Resumo:

As universidades foram demarcadas por importantes revisões na estrutura pedagógica, administrativa e física na década de 1960. Na base destas mudanças havia a noção de que a sociedade estava diante de novos modos de produção e, nesse momento, as universidades seriam fundamentais pois eram o locus natural da ciência e tecnologia - protagonistas desta nova sociedade pós-industrial. Neste contexto a noção da flexibilidade técnica, funcional e espacial tornou-se uma temática constante nos projetos de arquitetura universitária em todo o mundo pois era visto com o único conceito capaz de responder à dinâmica que a produção científica impunha aos espaços de ensino. No entanto este novo modelo frequentemente minimizou o valor da forma arquitetônica no processo projetual.

No Brasil este período foi caracterizado pela ampliação do recém criado sistema universitário e pela implantação de uma reforma universitária que teve como principal proposta espacial a consolidação da ideia de campi universitários. Estes novos espaços, juntamente com seus edifícios projetados sob o critério da flexibilidade, seriam capazes de absorver as novas demandas e promover a proximidade e a facilidade de circulação entre estudantes e professores incentivando um sólido intercâmbio científico e cultural.

Neste sentido este artigo apresenta reflexões sobre as interpretações da noção de flexibilidade em espaços universitários no Brasil na década de 1960. Para esta análise teve destaque o paradigmático edifício do Instituto Central de Ciências da UnB em comparação com edifícios de outros campi criados no mesmo período no interior do país. O contraste entre estas propostas permitiu um entendimento amplo da acomodação do conceito de flexibilidade em edifícios universitários.

Percebeu-se que a noção de flexibilidade tornou-se critério para projeto dos

espaços universitários frequentemente reduzindo ao mínimo a expressão formal dos edifícios. Este conceito apresentou-se como solução técnica fundamental para projetos de maior e menor envergadura, no entanto, com o tempo, diversos dispositivos e soluções propostas foram abandonados ou substituídos por técnicas tradicionais de reforma e adaptações. Mesmo assim, na contemporaneidade repleta de novas tecnologias, o tema da flexibilidade continua sendo um desafio nas reflexões dos arquitetos reforçando a necessidade de estudos mais detidos sobre o tema.